

CULTURA & LAZER

Sacilotto participa de mostra na Itália

O artista andreense, um dos pioneiros do concretismo, integra a coletiva Sincronias, que abre sábado em Salerno

VANIA ALVES
Da Redação

Presente no cenário das artes plásticas há quase cinco décadas, o concretismo brasileiro segue trajetória tão precisa quanto são seus traços nas telas. Mesmo em permanente evolução, seus artistas quase não dialogam com correntes mais recentes, não abrindo mão de uma criação racional, onde o aleatório não encontra espaço. "Uma instalação vale como teatro, pelo que acontece no momento. Faz o nome do artista, mas não fica" — acusa o andreense Luiz Sacilotto, 67 anos, um dos pioneiros do concretismo nacional que junto com quatro contemporâneos e cinco colegas italianos compõe a mostra *Sincronias* (ver matéria ao lado), que será inaugurada sábado, em Salerno, no sul da Itália, depois de percorrer o MASP, Brasília e Rio de Janeiro.

Para Sacilotto, que embarcou ontem para Roma, a maior parte do que está exposto na 21ª Bienal Internacional de Artes de São Paulo navega nessa corrente circunstancial, que elege blocos de gelo ou materiais em incêndios, como obras prontas. Mas ele evita julgar. "Tudo que é criativo tem sentido. Além disso ainda é cedo para dizer o que tem valor na arte desse século" — diz.

O artista também é reticente sobre a arte narrativa, que atribui ao momento social. "A I Guerra viu o surgimento da arte abstrata, a II Guerra trouxe uma nova visão, com a arte cinética e novos meios, como os computadores. Hoje vivemos uma grande revisão do socialismo e, querendo ou não, a arte sofre reflexos e este pode ser um deles" — analisa.

URSS

A abertura política na União Soviética não passa despercebida por Sacilotto, seguidor do Construtivismo, movimento que praticamente

nasceu junto com a revolução soviética e foi massacrado pelo autoritarismo que se seguiu. "Um exemplo típico da tragédia foi Malevitch, criador do Suprematismo, que, junto com o Construtivismo e outras correntes, acompanhou toda as transformações sociais que aconteciam. Quando começou a revisão das artes, toda arte abstrata foi expurgada para dar lugar aos panfletos, tipicamente nazistas, fascistas, por irônico que pareça. Malevitch foi forçado a voltar ao figurativismo e morreu de desespero" — conta. Ele espera que esse atraso seja agora compensado pelo desenvolvimento das comunicações e intercâmbio pós-abertura.

A importância que Sacilotto atribui ao Concretismo extrapola a de uma corrente estética para atingir os limites da própria construção de uma postura moderna na criação. "Não se deve confundir Concretismo com outros ismos, como o Cubismo, de curta duração, o expressionismo alemão, que durou um ciclo etc. É um movimento com abertura para várias vertentes. Tem uma postura racional, que não deve ser confundida" — esclarece.

CONTRIBUIÇÃO

O que fica mais evidente quando o artista fala do movimento é a intensa contribuição que legou à vida prática, seja no design, moda e veículos de mídia com as aberturas da televisões e formatos de jornais e revistas. O Grande ABC tem um dos pioneiros dessa estética de vanguarda e uma indústria moveleira da qual 90% da produção tem design mediocre não impressiona Sacilotto, que nunca foi convidado a dar sua contribuição. "Vivemos num país de contrastes e esse é mais um" — advertindo porém para exceções como a Objeto, do artista plástico concretista Geraldo de Barros.



Luiz Sacilotto em seu ateliê na rua Senador Fláquer em Sto. André: 3 obras na exposição

Sincronias une 10 artistas

Da Redação

Se no Brasil o concretismo se limita à geração de pioneiros, hoje por volta dos 70 anos, na Itália o movimento deitou raízes nas gerações posteriores. *Sincronias*, reunião de 30 telas de cinco brasileiros e cinco italianos, focaliza essas duas vertentes e mostra a ampla gama de resultados possíveis. Organizada pela Galeria La Seggiola, de Salerno, a exposição foi inaugurada em novembro no MASP, e, a partir de agora, não volta mais ao Brasil, passando a constituir parte do acervo da instituição, que vai mostrá-la ainda em Roma e Bologna.

"Além do intercâmbio com os artistas italianos, a exposição abre uma possibilidade de mercado para os artistas brasileiros. Através da galeria, nossas obras podem ter contato com a crítica e colecionares italianos e europeus" — resalta Sacilotto sobre a importância da exposição que ele considera apenas um primeiro passo no sentido de ampliar mercado para todos os brasileiros.

No Brasil, ele acredita que tenha servido como possibilidade de contato com as novas gerações. Além de Sacilotto, de 67 anos, o Brasil é representado por Arcangelo Ianelli, 68, Aldir Mendes, 49, Hercules Barsotti, 76 e Nogueira Lima, 60, que, ao lado de Sacilotto, é um dos pioneiros do concretismo nacional. Sacilotto conta que recebeu solicitações de diversos estudiosos mais jovens.

Os brasileiros puderam conhecer de perto o trabalho dos pioneiros italianos Antonio Corpora, de 81 anos, Guido Strazza, 68 e Cláudio Verna, 53. A nova geração apresenta Annibel Cunoldi, 40, e Gianni Asdrubali, 35. Enquanto Corpora tem movimentos mais apaixonados e intensos, os jovens se dedicam ao equilíbrio e comedimento (VA).